As primeiras comunidades e o Gnosticismo: Tensão e Inculturação

1. A BRILHANTE PODRIDÃO DO IMPÉRIO

Voltando o nosso olhar para a bacia do Mediterrâneo dos séculos I e II dC encontramos um fervilhar de atividade que nos surpreende. O Mediterrâneo está cercado por uma rede de portos e grandes cidades como: Antioquia, Éfeso, Corinto, Alexandria, Cartago, Sagunto, Tarragona, Massilia, Siracusa, Roma etc. Em todos eles se registra um grande trânsito de todo tipo e variedade de mercadorias: ferro da Britânia, cobre e prata da Hispânia, ovelhas e gado da Germânia e da Gália, trigo da Cirenaica, Mauritânia e do Egito, ouro da Dácia, betume e petróleo de Petra, perfumes da Arábia, sedas da Babilônia, especiarias da Índia etc.

Um imenso mercado onde tudo e todos viraram objeto de comércio. Grandes rotas comerciais foram criadas por terra e por mar, para sustentar e incentivar a articulação de mercadorias. Estradas eram abertas, pontes construídas, portas e cidades surgiram ao impulso do grande mercado que sustentava o Império Romano. No Apocalipse 18,1-13 temos uma descrição detalhada deste imenso mercado que constituía as veias e o sangue que dava a vida e o poder ao Império.

Nosso assombro e admiração são ainda maiores quando vemos o estilo de vida das elites citadinas. Palácios luxuosos são construídos nos mais diversos estilos artísticos. Templos dedicados às mais variadas divindades dão mostra da suntuosidade e poder econômico das elites de cada cidade. Festas, banquetes e orgias formam parte do cotidiano das elites comerciais e das famílias dominantes. As roupas vistosas são marca de identidade do status econômico e social que cerca suas vidas.

Porém, não nos deixamos ofuscar por este brilho aparente do Império. Por trás dele descobrimos os homens acorrentados aos remos, que puxam os barcos das mercadorias. Vemos a interminável série de rostos anônimos que sob o chicote trabalham os campos de trigo. Observamos um número incontável de pessoas amarradas e engolidas pelas minas de ferro, cobre e ouro. É um exército de escravos e servos que sustenta a vida econômica e social do vasto Império Romano.

As conquistas romanas produziram um enorme espólio de guerra, sob a forma de jóias, pedras preciosas, ouro e prata. Além disso, os povos vencidos eram obrigados a pagar pesadas indenizações de guerra. As conquistas resultavam também em grandes contingentes de escravos, que enriqueciam os generais, que os vendiam nos mercados. E as terras férteis das regiões conquistadas eram repartidas entre os ricos proprietários que participavam das campanhas militares. Durante o período posterior às grandes conquistas, os escravos eram numerosíssimos. Estes nem sequer eram considerados seres humanos, o nome oficial que os designa era o de "instrumento vocal".

2. O VAZIO EXISTENCIAL QUE O MERCADO NÃO PREENCHE

Numa sociedade baseada no mercado tudo se reduz à compra e venda. Tudo tem como objetivo final o lucro. Vidas, pessoas, valores são reduzidos a simples mercadorias. No coração dos povos dominados pelo mercado surge um grande vazio existencial. Roma tenta preencher as aspirações do povo com pão e circo. Mas nem só de pão e circo vive um povo.

A insatisfação social e existencial nos diversos povos submetidos ao Império Romano tinha levado ao descrédito da religião oficial do Império. O próprio Plínio o Jovem, governador da Bitínia, diz: "Os templos estão quase abandonados, as cerimônias rituais têm sido interrompidas, nem a carne dos sacrifícios é mais comprada pelo povo". O panteão oficial dos deuses, que servia como ideologia dominante para justificar a ordem social existente, estava desacreditado e desmascarado para a maioria dos povos submetidos.

Desde os tempos da expansão da cultura grega, especialmente com Alexandre, vinha acontecendo um grande contato cultural entre as religiões orientais e os povos do Mediterrâneo. Muitos daqueles cultos orientais eram praticados nas *polis* que surgiam ao impulso do comércio e fruto do cruzamento de povos e culturas. Foram os marinheiros e escravos vindos de Alexandria que introduziram o culto a Ísis e Serápis na Ásia Menor, nas ilhas do Mar Egeu, na Grécia, na Itália. E assim outros cultos como o de Atargis, deusa de Hierápolis síria. O culto de Cibele, a grande Mãe, de Ida e de seu compatriota Atis, importados da Frígia para a Itália.

O vazio existencial de grande parte das pessoas e dos povos que compunham o Império Romano desde há tempo vinha sendo preenchido paulatinamente pelos chamados "mistérios" ou ritos mistéricos. A prática destes mistérios espalhou-se rapidamente. Eram ritos de caráter sagrado que ofereciam uma aproximação aos segredos religiosos e divinos. Todos os mistérios tinham etapas de iniciação. Os candidatos percorriam gradualmente cada uma das etapas, tendo que cumprir diversos rituais, na maioria dos casos secretos, por isso o nome

de mistérios. Os rituais estavam carregados de momentos de transe, êxtases, dança, banquetes sagrados. Tudo contribuía para a atração popular, impulsionados pelo vazio existencial de suas vidas. Todos os cultos de origem oriental tinham seus ritos de iniciação, os mistérios.

3. GNOSTICISMO: A NOVA IDEOLOGIA EMERGENTE

Nesse clima de mercantilização da vida, de vazio existencial, de busca de todo tipo de caminhos para dar um mínimo de sentido à existência, vemos surgir e consolidar-se uma nova ideologia, corrente de pensamento, prática religiosa: o gnosticismo.

O gnosticismo tem raízes profundas que recolhem crenças que vão desde o maniqueísmo persa, passando pelas religiões mistéricas, junto com a filosofia neoplatônica e pitagórica. O gnosticismo, sem constituir uma religião ou filosofia estruturada como sistema, espalhou-se como fonte de pensamento e cosmovisão de vida. O gnosticismo estava presente nas elites intelectuais e no pensamento popular. Permeava todas as classes sociais e, sob diversas variantes, estava presente na maioria dos ritos mistéricos e das filosofias de moda.

O gnosticismo introduziu-se também dentro das comunidades cristãs, e tentou criar uma nova visão do Evangelho a partir de uma leitura gnóstica. Por um e outro lado, de forma consciente ou inconsciente, eram muitos cristãos e comunidades os adeptos da nova ideologia gnóstica. Isto provocou enfrentamentos, divisões e desafios de inculturação. Pode ou não pode o Evangelho se inculturar nesta nova ideologia ou filosofia gnóstica?

Antes de responder a esta questão deveremos responder a outra inicial. Afinal, qual é a fundamentação teórica do gnosticismo? O ponto básico é a crença numa oposição radical e inconciliável entre o Deus transcendental e inacessível (*bythós*), o abismo inatingível, ser supremo, e por outro lado a matéria informe *(hyle)*. Esta é concebida como princípio e origem do mal. Está estabelecido o dualismo. Espírito igual a bem, matéria igual a mal. Daí derivaram muitas conseqüências lógicas.

O segundo ponto fundamental da filosofia gnóstica é a doutrina sobre os seres intermediários, uma série de criaturas produzidas por emanação do Ser Supremo, os chamados eões. Ao efetuarem-se as emanações, algumas pequenas partes da divindade caíram no meio da matéria e ali se achavam, exiladas num elemento contrário. É uma síntese do dualismo persa dos eões, emparentado com as idéias platônicas. Um eão, chamado demiurgo, expulso do mundo da luz, cria o mundo material e o homem.

O homem está preso ao mundo da matéria. Como pode se libertar desta matéria? Através da "gnose" (*gnôsis*), o conhecimento superior. O Cristo do gnosticismo não toma verdadeiramente corpo, pois é uma contradição impossível de acontecer, já que a matéria é essencialmente má.

O conhecimento, gnose, é o caminho que nos permite fugir da matéria através da elevação a estádios superiores de gnose. Os homens dividem-se em três classes ou castas: os espirituais ou gnósticos, isto é, os que conseguiram o pleno conhecimento. Estes estão livres de toda norma moral. Num estágio inferior estão os psíquicos, isto é, simples cristãos que não têm capacidade para

chegar à gnose verdadeira. No último lugar, os materiais ou hílicos, que são os que não têm esperança nenhuma de salvação.

O gnosticismo incorpora também a iniciação dos ritos mistéricos. Estabeleciam-se etapas a serem cobertas individualmente pelos candidatos. Tinha provas para superar, ritos para cumprir. No fim de cada etapa, um tribunal de espirituais ou gnósticos decidia se o candidato estava preparado para passar à etapa seguinte.

O gnosticismo vinha preencher um grande vazio existencial e vital que o Império Romano tinha criado através da mercantilização das pessoas e das vidas, reduzindo milhões de pessoas à categoria de "instrumento vocal". De outro lado, o gnosticismo servia perfeitamente à ideologia e interesses econômicos e sociais das classes dominantes do Império. Pregando a fuga do mundo, que é mau, alienava a consciência dos servos, escravos e povos submetidos, procurando a fonte de sua felicidade num além fantasioso, e não questionando em momento nenhum sua situação de opressão. O gnosticismo, por essência, despreza o agir, colocando como única fonte de salvação a gnose, o conhecimento.

4. O GNOSTICISMO E SUA INCULTURAÇÃO NAS COMUNIDADES CRISTÃS

O gnosticismo apresentava-se como uma ideologia muito sedutora para as comunidades cristãs. Seu caráter de profundidade espiritual fez com que muitos e grandes líderes cristãos tentassem uma releitura total do Evangelho a partir do gnosticismo. O Evangelho parecia simples demais e engajado demais na materialidade do mundo, vinculado muito diretamente ao cotidiano da vida. Era necessário uma maior profundidade racional e uma maior elevação espiritual. O gnosticismo parecia ser o caminho.

Podemos compreender quantos conflitos surgiram. Movimentos de ruptura total como Simão o Mago e Cerinto, na Síria, Basílides e Valentim, em Alexandria. Também Taciano e Marcião são exemplos da polêmica e do sofrimento que este pensamento criava em todas as comunidades cristãs. Um desses grupos de cristãos gnósticos, os "mandeus", sobreviveu desde as origens do cristianismo até o século XX. Foi principalmente R. Bultmann quem estudou os mandeus, tidos por ele como precursores da gnose ou pré-gnósticos. Textos descobertos recentemente, em 1945, nas areias do Egito, em Nag Hammadi, datam provavelmente do século II, ou seja, bem perto dos escritos de João. Por exemplo, entre esses escritos há o Evangelho da Verdade, o Evangelho de Filipe, o Evangelho de Tomé, o Diálogo do Salvador, uma epístola de Tiago etc.; mais de 50 escritos, ainda pouco aprofundados.

Os escritos de João, o Evangelho e as cartas, são os escritos bíblicos que apresentam uma influência mais direta do gnosticismo. Percebe-se a influência gnóstica no prólogo do Evangelho, no discurso de Nicodemos (cap. 3), no dualismo verdade-mentira, Deus-diabo, luz-trevas, sobretudo no discurso sobre o pão (cap. 6), sobre a vida (Jo 5; 7; 8; 11), sobre a luz (Jo 8–9), sobre o pastor (Jo 10), sobre a vinha (Jo 15) e o discurso de despedida de modo geral. É interessante comparar com os escritos de Nag Hammadi, sobretudo com os chamados discursos de revelação, do 4º Evangelho e da 1ª Epístola.

Há semelhanças profundas, por exemplo no cap. 10, o Bom Pastor. Há, nos livros gnósticos, um tema muito forte que é o mito da queda da sabedoria e a vinda de um salvador. O salvador vem buscar essa ovelha perdida neste mundo para levá-la para o céu, libertando-a dos ladrões que são os enviados do deus inferior, que é o deus deste mundo. Outro ponto bem comum entre João e a literatura gnóstica é a figura de Maria Madalena. Na gnose, Maria Madalena ocupa um lugar principal, de destaque, o que também acontece no Evangelho de João.

Para interpretar o Evangelho de João não se pode prescindir do gnosticismo. Há duas maneiras de aceitar uma influência gnóstica em João:

– ou João era uma obra gnóstica primitiva que foi revista por um redator cristão que procurou harmonizar a obra com a tradição cristã e apagar mais ou menos as marcas da gnose;

– ou João é um tratado de polêmica contra a gnose, que usa as categorias da gnose para refutá-la e mostrar que tudo o que os gnósticos querem está no cristianismo sem os erros da gnose.

Sem pretender tomar um posicionamento definido entre essas duas possibilidades, queremos mostrar como João usa as categorias gnósticas, porém com conteúdo e significado novos. João se incultura nessa nova corrente de pensamento, porém rejeita a dimensão de alienação e fuga da realidade, destacando a grande verdade do mistério da encarnação.

Como não é possível apresentar uma análise mais exaustiva, decidimos escolher uma das categorias essenciais para o gnosticismo: mundo *(kósmos)*. Em João, a palavra *kósmos* aparece 78 vezes. Já em Mt aparece 8 vezes, em Mc e Lc 3 vezes. Só pela quantidade de vezes que João emprega a palavra mundo vemos a importância fundamental para o seu pensamento e teologia.

Erchómenon eis tòn kósmon. En tô kósmô ên kaì ho kósmos di'autou egéneto

"Vinha ao mundo, no mundo estava e o mundo por ele foi feito

Kaì ho kósmos autón ouk égnô.

E o mundo não o conheceu" (Jo 1,9-10).

O mundo, no pensamento gnóstico, representa a materialidade, e, como tal, sua origem é a partir do mal. A matéria, o mundo impedem a comunicação com Deus. É a cadeia que encerra o espírito. O mundo é a síntese das outras categorias materiais, como carne, corpo etc.

João, no seu prólogo, usa amplamente o vocabulário gnóstico: o princípio e a Palavra, a luz e as trevas, Deus e o mundo etc. Ele o faz afirmando o grande princípio da fé cristã: a encarnação da Palavra.

O mundo não é mau. "O mundo foi feito por Ele" (Jo 1,10). O mundo foi feito por Deus como algo positivo desde o momento da criação; e assumido como lugar de Salvação, desde a encarnação. O mundo é usado por João, num primeiro sentido, expressando a totalidade do Cosmos, do universo, toda a criação.

O mundo é o lugar da presença do amor de Deus. O diálogo com Nicodemos põe ênfase nisso: "Deus amou tanto o mundo que entregou seu Filho único" (3,16). Ao contrário do que a ideologia gnóstica pregava, o plano de Deus

não é a destruição do mundo: "Pois não enviou seu Filho ao mundo para julgar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por Ele" (3,17).

Jesus é o "Salvador do Mundo" (6,42). Numa sociedade onde tudo e todos são mercadorias, onde multidões de escravos e servos são simples "instrumento vocal", a salvação não é fugir do mundo; pelo contrário, tem que se procurar a Vida plena neste mundo: "Porque o pão de Deus é aquele que desce do céu e dá a Vida ao mundo" (6,33).

O próprio Jesus tem como missão trazer a Vida plena para o mundo: "O pão que eu darei é a minha carne para a Vida do mundo" (6,51). A salvação plena passa pelo mundo: "Eu sou a luz do mundo. Quem me segue não anda nas trevas, mas terá a luz da Vida" (8,12).

Ao estudarmos uma categoria analítica da qual nos separa uma distância de quase dois séculos, temos de ter presente que nesse espaço de tempo foram incorporadas ao pensamento muitas novas epistemologias que permitem diferenciar as terminologias, algo que João não tinha. Eis por que seu vocabulário é polivalente. Assim sendo, "mundo" em João tem vários sentidos diferenciados.

A comunidade joanina, ao mesmo tempo que afirma a positividade do mundo como lugar de salvação, tem uma consciência social desenvolvida e vê a realidade opressora do Império. O Apocalipse é o escrito que nos alerta para a realidade da Besta-fera que o Império é.

Os escritos joaninos afirmam radicalmente o princípio da encarnação no mundo, porém, sem exaltar somente a positividade do mundo, esquecendo a realidade de injustiça, de escravidão, de pecado, o que seria tão alienante como a fuga apregoada pelo gnosticismo.

Por isso, em João a palavra "mundo" tem também outro significado que nós poderíamos atualizar com a denominação de "sistema social".

No mesmo prólogo, que exalta a encarnação no mundo, nos diz: "mas o mundo não o reconheceu" (1,10b). Cristo não se situa indiferentemente no mundo, no sistema; tem um posicionamento de transformação radical: "Eis o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo" (1,20).

Esta contradição do mundo como sistema social que não pode acolher a verdade aparece mais explicitamente nos discursos de despedida, quando a perseguição contra a pessoa e a proposta de Jesus mostra a face mais cruel do sistema (o mundo): "O Espírito da Verdade que o mundo não pode acolher porque não o vê, nem o conhece, vós o conheceis porque permanece convosco" (14,17).

O mundo (o sistema) não pode compreender a presença de Jesus: "Ainda um pouco e o mundo não mais me verá, mas vós me vereis, porque eu vivo e vós vivereis" (14,19). Os próprios discípulos não têm consciência desta diferenciação entre o mundo como criação e o mundo como sistema social. Por isso perguntam: "Senhor, por que te manifestarás a nós e não ao mundo?" (14,22). Esta inconsciência dos discípulos sobre a diferenciação do mundo como sistema fica bem explícita no cap. 15. O sistema é essencialmente repressor da proposta do Reino. Por isso Jesus exclama: "Se o mundo vos odeia, sabei que, primeiro, me odiou a mim. Se fôsseis do mundo, o mundo amaria o que é seu, mas, porque não sois do mundo, o mundo por isso vos odeia" (14,18-19). A comunidade joanina, por experiência própria, estabelece uma diferença clara entre o mundo positivo que

Deus fez e o sistema repressor que pesava sobre eles. As perseguições de Domiciano e Trajano eram duras experiências que eles viviam.

O sistema (o mundo) não só tem a força da repressão política e policial senão que também tem uma poderosa máquina de poder ideológico. Ele se apresenta como detentor da verdade. Viver fora de seus valores e propostas é considerado utopia ou fanatismo. Eis por que os discípulos de Jesus experimentarão a tristeza enquanto o mundo se alegra: "Em verdade, em verdade vos digo: chorareis e vos lamentareis, mas o mundo se alegrará. Vós vos entristecereis" (16,20). Diante do poder ideológico do sistema, muitos chegam a duvidar. Um suposto realismo leva a aceitar o projeto do mundo (do sistema) como algo inevitável que todos devem assumir. Por isso a comunidade joanina avisa: "Quando ele vier estabelecerá a culpabilidade do mundo" (16,8).

Nesta conjuntura, é importante não perder o horizonte da esperança. Esta consiste em ter certeza de que o projeto da opressão sobre o qual se sustenta o sistema (o mundo) está vencido: "porque o príncipe deste mundo está julgado" (16,4).

O discurso do cap. 17 expressa a dialética do mundo assumido dentro do projeto salvífico de Deus, porém não plenamente realizado: "Agora, porém, vou junto de ti e digo isso ao mundo, a fim de que tenham em si a minha alegria" (17,13). Esta dialética entre o mundo como lugar de salvação e o sistema como projeto contrário ao Reino fica explicitada quando Jesus prepara seus seguidores dizendo: "Eu lhes dei a tua Palavra, mas o mundo os odiou, porque não são do mundo como eu não sou do mundo" (17,14).

O gnosticismo não fazia distinção entre mundo como criação e o sistema social. Isso fazia com que apregoasse uma rejeição total do mundo sem distinção. O mundo não podia ser lugar de encontro com Deus. A história não podia ser história de salvação. O Evangelho de João se diferencia do gnosticismo quando diz: "Não peço que os tires do mundo, mas que os guardes do maligno" (17,15). O discípulo vive a tensão de amar o mundo e lutar pela transformação da sociedade ao mesmo tempo, sabendo que não pode cair na armadilha dos projetos do sistema: "Eles não são do mundo como Eu não sou do mundo" (17,16). Com todas as contradições que existem, o mundo continua sendo o lugar onde se realiza a única história de salvação que existe. Por isso conclui o discurso dizendo: "Como Tu me enviaste ao mundo, também eu os envio ao mundo" (17,18).

CONCLUSÃO

O Evangelho de João estabelece um diálogo com o pensamento gnóstico, porém o faz de forma crítica. Tenta se inculturar criticamente no mundo dos intelectuais e no ambiente popular onde se estendia o pensamento gnóstico. Apresenta Cristo e o Evangelho com categorias muito queridas ao gnosticismo. Ao fazê-lo não cede simplesmente à nova ideologia dominante. Afirmando o princípio fundamental da encarnação, apresenta Cristo sob imagens familiares aos gnósticos, porém enfatiza claramente a libertação integral que Ele apresenta.

Este processo de inculturação do gnosticismo e o Evangelho não pode deixar de iluminar nosso momento histórico. Estamos envolvidos num absolutismo do mercado, na versão do capitalismo transfinanceiro. Tudo e todos

viramos mercadoria de compra e venda. As alternativas ao mercado de consumo parece que foram derrotadas. Por todos os lados surge a tendência ao espiritualismo desencarnado. Apregoa-se a busca do espiritual, abandonando o compromisso social e político. O Evangelho não se reduz exclusivamente ao mundo dos valores individuais e espirituais. Não se apresentam as implicações estruturais e históricas que a proposta de Jesus traz, nem a crítica estrutural ao sistema de dominação. Muitas pessoas cansadas e esvaziadas pela mercantilização da vida buscam refúgio em todo tipo de grupos, crenças e seitas com forte ênfase no espiritualismo evasivo.

Ficar simplesmente criticando de fora talvez não seja suficiente. A comunidade joanina aceitou o desafio de entrar dentro das ansiedades e expectativas das grandes massas que se voltavam para o gnosticismo. A partir daí apresentou Cristo e o Evangelho. Talvez seja este o desafio que nesta conjuntura nos apresente o mundo. Devemos penetrar dentro do imenso vazio existencial que o sistema criou. Escutar os apelos de profunda busca de espiritualidade que surgem por todos os lados como sinais dos tempos. Tudo isso, sem perder a encarnação na realidade e o compromisso social e político com os pobres e oprimidos na busca da libertação integral.

BIBLIOGRAFIA

DODD, C.H. *The interpretation of the fourth gospel*. Cambridge, 1953.

BRAUN, F.M. *Jean le Théologien*. 3 vols. Paris, 1959.

SCHNACKENBURG, R. *Das Johannesevangelium*. 3 vols. Friburgo, 1965.

LAMADRID, González A. *Los descubrimientos del mar Muerto*. Madri, 1961.

Castor Bartolomé Ruiz
Rua Rui Barbosa, 1311
Bairro Fátima
92000 Canoas, RS